

REVISTA

DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS



#20.1

ISSN 2316-770X

A Revista da Universidade Federal de Minas Gerais é uma publicação semestral da Universidade Federal de Minas Gerais e tem como objetivo principal abordar temáticas específicas, numa perspectiva interdisciplinar, podendo divulgar também resultados de pesquisas e de produções teóricas e artísticas diversas

Clélio Campolina Diniz
REITOR

Rocksane de Carvalho Norton
VICE-REITORA

Ana Lúcia Pimenta Starling
CHEFE DE GABINETE

Márcio Benedito Baptista
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Efigênia Ferreira e Ferreira
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Antônia Vitória Soares Aranha
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Renato de Lima Santos
PRÓ-REITOR DE PESQUISA

João Antonio de Paula
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO

Ricardo Santiago Gomez
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Roberto do Nascimento Rodrigues
PRÓ-REITOR DE RECURSOS HUMANOS

Valéria de Fátima Raimundo
DIRETORA-GERAL DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO

Maurício Alves Loureiro
DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS
TRANSDISCIPLINARES

EDITOR:
João Antonio de Paula

EDITORA EXECUTIVA:
Heloisa Soares de Moura Costa

EDITOR ASSISTENTE:
Danilo Jorge Vieira

DIREÇÃO DE ARTE:
Marcelo Lustosa

PROJETO GRÁFICO:
Léo Ruas

DIAGRAMAÇÃO:
Léo Ruas e Romero Morais

PLANEJAMENTO:
Melissa Soares

APOIO TÉCNICO:
Lucília Maria Zarattini Niffenegger

REVISÃO:
Lourdes Nascimento, Patrícia Falcão

TRADUÇÃO:
Julieta Sueldo Boedo (espanhol) e Marie-Anne
Henriette Jeanne Kremer (inglês)

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS:
Valdeci da Silva Cunha

FICHA CATALOGRÁFICA

R 454 Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. –
vol.15, 1965- – Belo Horizonte : UFMG, 1965-
v. : il.
Anual de 1965-1969
A partir do v.19, n.1/2, 2012 passa a ser semestral
Título anterior: Revista da Universidade de Minas
Gerais, 1929-1964.
Inclui bibliografia.
ISSN: 2316-770X
1. Ensino superior- Periódicos. I. Universidade
Federal de Minas Gerais.

CDD: 378.405 CDU: 378

Revista da Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, n° 6627, Campus Pampulha
Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, sala 3011
CEP: 31.270-901, Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil
Endereço eletrônico: <revistadaufmg@ufmg.br>
Telefone: 55 31 3409 7231

Conselho editorial

Carlos Antônio Leite Brandão • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Débora d'Ávila Reis • INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Eliana de Freitas Dutra • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Heloisa Soares de Moura Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Hugo E. A. da Gama Cerqueira • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ivan Domingues • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Jacyntho Lins Brandão • FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

João Antonio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Marília Andrés Ribeiro • C/ARTE PROJETOS CULTURAIS, BRASIL.

Maurício Alves Loureiro • ESCOLA DE MÚSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Maurício José Laguardia Campomori • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi • INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Comissão editorial desta edição

João Antonio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Maria do Carmo de Freitas Veneroso • ESCOLA DE BELAS ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Marília Andrés Ribeiro • C/ARTE PROJETOS CULTURAIS, BRASIL.

Maurício José Laguardia Campomori • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Heloisa Soares de Moura Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Regina Helena Alves da Silva • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Roberto Luís de Melo Monte-Mór • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Valéria de Fátima Raimundo • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Pareceristas desta edição

Altamiro Sérgio Mol Bessa • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

André M. Mendes • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Célio Augusto da Cunha Horta • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Fernanda Borges de Moraes • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Junia Ferreira Furtado • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Klemens Laschefski • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Luiz Henrique Assis Garcia • ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Rita Velloso • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Silke Kapp • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Weber Soares • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Cultura, leituras e vivências na cidade

Culture, readings and experiences in the cities

22

FRANCISCO JARAUTA
Construir a Cidade Genérica
Building the Generic City

24

CARLOS ANTÔNIO LEITE BRANDÃO
Um homem livre, uma cidade feliz
A free man, a happy city

36

CÁSSIO E. VIANA HISSA,
MARIA LUÍSA M. NOGUEIRA
Cidade-corpo
City-body

54

PORO
Manifesto por uma cidade lúdica e coletiva,
por uma arte pública, crítica e poética
Manifest for a playfull and collective city, for a
public, critical and poetic art

78

MARIA SALETE MAGNONI
Dois Barretos e um Rio de Janeiro
Two Barretos and one Rio de Janeiro

90

NILO O. NASCIMENTO,
JEAN-LUC BERTRAND-KRAJEWSKI,
ANA LÚCIA BRITTO
Águas urbanas e urbanismo na passagem do
século XIX ao XX
Urban waters and urbanism at the turn of the
nineteenth to the twentieth century

102

A metrópole contemporânea:
produção e apropriação

The contemporary metropolis: production and appropriation

134

EDWARD W. SOJA
Para além de *Postmetropolis*
Beyond *Postmetropolis*

136

GERALDO MAGELA COSTA
Aproximação entre teoria e prática urbana
Approaching urban theory and practice

168



190

ANDRÉIA MOASSAB
Territórios fragmentados
Fragmented territories

PIPIO
RIZONTE
DE ESTATÍSTICA



212

EDÉSIO FERNANDES
Estatuto da Cidade, mais de dez anos depois
City Statute, more than ten years later

234

HENRI ACSELRAD
Cidade – espaço público?
City – a public space?

248

BEATRIZ JUDICE MAGALHÃES
Catadores de materiais recicláveis, consumo
e valoração social
Recyclable material collectors, consumerism
and social appraisal

268

NAYARA A. SALGADO
'A pedra não para'
'The stone doesn't stop'

294

ALÍCIA DUARTE PENNA
A um passante
To a passerby

296

A cidade e as artes
The city and the arts

298

ISABELA PRADO
(In)visível sob a cidade
(In)visible under the city

306

CÉLIA MARIA ANTONACCI RAMOS
Paris, a Cidade Luz no terceiro milênio
Paris, the City of Light in the third millennium

324

LETÍCIA LAMPERT
Conhecidos de Vista
People known by sight

336

MARÍLIA ANDRÉS RIBEIRO
Entrevista com Frederico Morais
Interview with Frederico Morais

CIDADES:

viver, perceber, transformar

Os textos que compõem esta edição da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais organizam-se em torno do tema *Cidades*. Uma das formas mais antigas de aglomeração espacial e de manifestação cultural, a cidade possivelmente constitui a síntese mais contundente da sociedade, expressando potencialidades e conflitos ao longo do tempo, muitos dos quais marcados claramente no espaço. Ao mesmo tempo e cada vez mais, a cidade é parte do cotidiano de um contingente expressivo da população mundial, sendo-o mais ainda da população brasileira. Mais do que uma evidência numérica, representada pelos elevados e crescentes graus de urbanização, são os modos de vida urbana – valores, aspirações e desejos, práticas socioespaciais, disputas em torno do uso e da apropriação do espaço, processos de produção e troca – que dão à cidade esta centralidade de significados na vida das pessoas.

A cidade é, por princípio, simultaneamente objeto e lugar da política e da ação coletiva, espaço do aprendizado e do reconhecimento da alteridade, valor de uso que dá sentido à noção de urbanidade. Entretanto, tal visão é permanentemente contestada pela hegemonia do valor de troca manifesta na luta pelo espaço, que contrapõe o direito à cidade às tendências privatizantes do chamado empreendedorismo urbano, ao consumo do espaço ou ao caráter excludente da dinâmica imobiliária e da produção do espaço de forma mais ampla. Por outro lado, as recentes manifestações políticas que tomaram as ruas das principais cidades do país nas últimas semanas, entre outros aspectos, contribuíram para resgatar o potencial político do espaço público, fundamental para a existência das cidades e da vida urbana.

Cultura, leituras e vivências nas cidades

O primeiro conjunto de textos parte de uma perspectiva humanista, correspondendo a olhares lastreados nas dimensões da cultura, da vivência e da experiência nas cidades, bem como em diferentes concepções e leituras possíveis de seus espaços. Alinhavando vários dos textos está a tentativa de compreensão das transformações pelas quais as cidades vêm passando ao longo do tempo, culminando na cidade contemporânea. O artigo do filósofo espanhol Francisco Jarauta, da Universidade de Murcia, traz uma instigante reflexão sobre a arquitetura nos contextos político, social e cultural das cidades contemporâneas. “Construir a cidade genérica” compara a configuração espacial herdada da cidade antiga com um novo espaço urbano, por ele considerado como um laboratório de relações que caracterizam a cidade na atualidade.

Carlos Antônio Leite Brandão destaca no artigo “Um homem livre, uma cidade feliz” a relação entre cidade e liberdade como potencializadora do processo de criação inerente à reunião das pessoas possibilitada pela cidade, contrapondo-se, portanto, à fragilidade e à diversidade próprias dos seres humanos, conforme defendido por Alberti ainda no século XV. A partir desse princípio, o artigo discute a liberdade e a felicidade que a cidade ajuda a construir e critica de forma enfática o modo contemporâneo de pensá-la e concebê-la, ressaltando as limitações dos espaços dele resultantes. Ao afirmar que “o maior ornamento da cidade é o cidadão”, o texto reforça uma perspectiva humanista que vai de encontro a muitas das tendências contemporâneas de produção do espaço.

As limitações e constrangimentos dos espaços da cidade, modelados mais para os automóveis do que para os corpos, são abordados no artigo “Cidade-corpo” de Cássio E. Viana Hissa e Maria Luísa Nogueira. Apoiando-se em uma criativa leitura de textos do geógrafo Milton Santos, os autores exploram as várias velocidades das cidades, de espaços lentos e rápidos, enfatizam as potencialidades do ato de caminhar pelas ruas, a capacidade do corpo de experimentar a cidade, de transgredir, provocando uma recíproca transformação nos sujeitos e na cidade.

Como contraponto da tendência dominante desenhada pelos artigos, segue-se o contundente “Manifesto por uma cidade lúdica e coletiva, por uma arte pública, crítica e poética” formulado pelo Poro.

As formas como as cidades são pensadas, construídas e percebidas podem potencializar ou dificultar o sentido público a elas atribuído. Tais formas e concepções se alteraram substancialmente no processo de modernização ocorrido no início do século XX, como apontam os dois textos que se seguem. O artigo intitulado “Dois Barretos e um Rio de Janeiro”, de Maria Salette Magnoni, contrapõe as visões e os registros da maciça reurbanização do centro do Rio de Janeiro no período, a partir de dois observadores da cidade que ocuparam lugares sociais bastante distintos: os escritores/jornalistas Lima Barreto e João do Rio.

As contradições da modernização, bem como as potencialidades e conflitos de concepções relativas à adoção de inovações tecnológicas, urbanísticas e sanitárias do período, estão presentes no artigo de Nilo de Oliveira Nascimento, Jean-Luc Bertrand-Krajewski e Ana Lúcia Britto. Como bem define seu título, “Águas urbanas e urbanismo na passagem do século XIX ao XX: o trabalho de Saturnino de Brito”, o artigo explora as contribuições do engenheiro Francisco Saturnino de Brito sobre saneamento e urbanismo, no Brasil da passagem do século XIX ao XX. São discutidos os vínculos do engenheiro com a comunidade científica e técnica internacional, bem como os debates sobre higienismo, medicina, urbanismo, regulamentação urbana e gestão do saneamento em vários países. Cabe acrescentar que muitas das questões prementes à época continuam perturbadoramente atuais.

A metrópole contemporânea: produção e apropriação

O próximo conjunto de artigos se concentra nas tendências e contradições associadas à produção e apropriação da metrópole contemporânea, a partir de um referencial teórico oriundo da economia política e da produção social do espaço. O primeiro deles, “Para além de *Postmetropolis*”, de autoria do geógrafo americano Edward Soja, traz novas reflexões sobre ideias e temas abordados em seu livro *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*, publicado em 2000, relativas ao que considera três importantes desdobramentos: a redescoberta do poder gerativo das cidades, a difusão transdisciplinar das perspectivas espaciais críticas e o crescente interesse em regiões e regionalismo. Ao defender que o espaço substituiu o tempo

e a história como dimensão dominante, em função da sincronicidade do acesso à informação, Edward Soja tem apresentado grandes discursos sobre a metrópole contemporânea, marcada pela globalização, pela fragmentação e pela violência. O autor sugere que há uma virada espacial transdisciplinar nas ciências sociais e humanas e aposta em um renovado interesse no que chama de planejamento do bem-estar em nível regional manifesto em várias escalas espaciais, que busca se contrapor à submissão das cidades a um empreendedorismo competitivo, movido pelo *marketing* urbano e não pela preocupação com a redução da pobreza e da desigualdade. Numa espécie de premonição às recentes manifestações brasileiras, Soja aponta uma nova era de crises geradas pela reestruturação econômica em nível global, marcada por revoltas, motins e agitação, como uma resposta direta às novas condições pós-metropolitanas, ou o chamado urbanismo pós-moderno. Em termos espaciais aponta para uma clara mudança da urbanização metropolitana para uma urbanização regional.

Geraldo Magela Costa traz uma reflexão sobre a relação entre teoria, realidade e possibilidade das práticas nas cidades, entre elas a do planejamento urbano, no artigo intitulado “Aproximação entre teoria e prática urbana: reflexões a partir do pensamento de Henri Lefebvre”. O texto destaca algumas passagens da obra do filósofo francês para discutir processos socioespaciais urbanos. Como recurso analítico, procura entender dois momentos de aproximação entre teoria e prática: um primeiro, entre o pensamento filosófico e teórico e a realidade; e um segundo, entre o mundo real e a possibilidade da prática emancipatória. Para ilustrar esta última reflexão, o artigo se baseia em uma experiência recente de planejamento urbano/metropolitano realizada no âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais: a elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado para a Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O interessante exemplo de Cabo Verde, um país africano arquipelágico, é abordado no artigo de Andréia Moassab, “Territórios fragmentados: Cabo Verde e os aspectos de uma urbanidade insular em tempos de globalização”. A autora discute conceitos como território, cidade e urbanidade, em tempos de globalização neoliberal, argumentando que, assim como a matriz funcional modernista foi pouco útil para estudar as cidades do final do século XX, tampouco a abordagem pós-modernista é esclarecedora para a compreensão de contextos urbanos atuais dos países

pobres. Argumenta que as teorias não conseguem explicar a inserção da cidade e do país na globalização. Ao apontar as particularidades do pós-colonialismo numa ilha que não experimentou necessariamente todos os estágios do processo de globalização, faz-nos rever as teorias e seu uso generalizado sem atentar para as histórias específicas dos lugares.

No campo das políticas públicas urbanas, Edésio Fernandes faz uma interessante discussão sobre algumas avaliações críticas de seu principal marco regulatório no artigo “Estatuto da Cidade, mais de 10 anos depois: razão de descrença, ou razão de otimismo?” Considerado um esforço pioneiro na construção de um marco regulatório mais adequado para a promoção da reforma urbana, há já uma farta literatura discutindo sua eficácia social, bem como a natureza, as possibilidades e as restrições de uma legislação progressista diante de um processo sociopolítico variável. O artigo problematiza as avaliações usualmente feitas da aplicação do Estatuto da Cidade, procurando fornecer elementos para uma discussão mais geral sobre as expectativas, reais e falsas, existentes em torno das leis urbanísticas de diversos países para regulação de direitos e gestão fundiária, ordenamento territorial, planejamento urbano e habitação social. Neste sentido, o texto aposta na construção coletiva da regulação urbanística como uma condição necessária para a consolidação de um processo mais amplo e permanente.

O artigo de Henri Acselrad, “Cidade – espaço público? A economia política do consumismo nas e das cidades”, retoma o debate sobre a questão do público e do privado no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo, e do brasileiro em particular, identificando as cidades como o lugar do consumismo e do consumismo de lugar. Argumenta que há conflitos em torno da distribuição dos espaços privados e públicos, dos assuntos a eles associados e dos atores neles envolvidos. Analisa criticamente as noções prevalentes de progresso e desenvolvimento nas quais o consumismo se torna a principal meta dos indivíduos e famílias. Reforça a crítica em torno do que chama de cadeia produtiva do estilo de vida dominante nas cidades, na qual se articula o consumismo ao padrão macroestrutural de utilização do espaço, de seus recursos e das massas de capital em busca de rentabilização.

A questão do consumo nas cidades é abordada também por Beatriz Judice Magalhães, de outra perspectiva, no artigo “Catadores de materiais recicláveis, consumo e

valorização social”. O texto parte de entrevistas de bastante sensibilidade com catadores de materiais recicláveis, para refletir sobre as relações entre catadores, consumidores e a sociedade brasileira num contexto mais geral. Ao mesmo tempo discute os preconceitos sofridos pelos catadores, e as possibilidades de reconhecimento de seu trabalho, particularmente a partir da constituição do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e da aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos. O artigo problematiza alternativas de inclusão e o papel dos catadores na cidade contemporânea, constituindo desta forma uma ponte para a percepção das dimensões ambientais da urbanização. Traz à tona o debate sobre um importante desafio para a sociedade de consumo, qual seja, a reinserção dos resíduos no processo produtivo, bem como, e principalmente, a inserção social deste segmento social representado pelos catadores.

O artigo de Nayara Salgado, intitulado “‘A pedra não para’: um estudo sobre a *cracolândia* na cidade de Belo Horizonte/MG”, aborda algumas transformações no espaço urbano do bairro da Lagoinha que culminaram na apropriação de partes de seu espaço por usuários de drogas, associado ao processo de decadência deste espaço pericentral da cidade. O bairro representa um patrimônio cultural importante na memória da cidade, tendo já passado por algumas intervenções urbanísticas significativas. O artigo toma como referência pesquisa que buscou apreender a realidade do lugar a partir das representações midiáticas e de seus moradores.

Fechando este conjunto de textos, o belo poema “A um passante”, de Alícia Duarte Penna, ilustrado por Priscila Musa.

A cidade e as artes

O próximo conjunto de textos aborda de forma mais específica algumas relações entre arte e cidade, seja discutindo criticamente e realizando intervenções na cidade, seja problematizando o papel que as artes e a cultura de forma geral, principalmente aquelas decorrentes de políticas públicas da área, representam como possibilidades de compreensão das diferenças e desigualdades existentes na cidade. Assim, a temática das mudanças e permanências identificadas nas cidades, principalmente na relação entre artefato e natureza, inspira artistas como Isabela Prado com

seu texto “(In)visível sob a cidade: o projeto *Entre Rios e Ruas*”, que busca identificar as águas e a natureza, que desaparecem sob a imperiosidade da urbanização contemporânea. Composto por desenhos, fotografias, objetos, vídeos, instalações e *performances*, o projeto faz uma criativa reflexão sobre as relações entre cidade, meio ambiente e indivíduo ao trazer à tona as marcas de rios e córregos presentes na paisagem urbana.

Já Célia Maria Antonacci Ramos explora a experiência de caminhar pelas ruas da cidade, Paris, neste caso, identificando a forte presença da migração internacional e a criação artística dela proveniente, pouco perceptível para o sistema de artes estabelecido. Em seu texto “Paris, a cidade luz no terceiro milênio”, a autora se pergunta como, e até que ponto, o sistema das artes e os artistas, críticos e curadores interferem nos debates sobre a integração das pessoas no espaço de convivência coletiva da cidade contemporânea.

“Conhecidos de Vista: a cidade e suas janelas indiscretas” é o projeto de artes visuais e fotografia a partir do qual Letícia Lampert discute as relações entre vizinhos que não se conhecem, mas têm suas janelas próximas demais umas das outras. Com base em depoimentos e imagens coletados e tendo como referência filmes como *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock, e *Medianeras*, de Gustavo Taretto, o texto aborda questões como a influência da especulação imobiliária na vida das pessoas, bem como a importância de ver e ser visto na cidade.

Fechando este número encontra-se a ilustrativa entrevista com o crítico e curador Frederico Morais, realizada pela historiadora da arte Marília Andrés Ribeiro. Residente há vários anos no Rio de Janeiro, o crítico faz uma instigante reflexão sobre momentos significativos de sua trajetória, tais como os percalços vividos no período da ditadura militar nos anos 1960/1970 como crítico militante e curador de exposições inovadoras e marcantes, ou experiências como professor nas quais o cotidiano da cidade se destaca como uma importante presença nas experiências dos alunos e dos artistas.

Esperamos que tenham uma boa leitura.

Comissão Editorial

CITIES:

live, perceive, transform

Cities is the theme of the texts included in this edition of the Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. One of the oldest forms of spatial agglomeration and cultural manifestation, the city is possibly the most striking synthesis of society, expressing potentialities and conflicts over time, many of which are clearly marked in space. Simultaneously and increasingly, the city is part of the daily life of a large contingent of the world's population, and it is even more so when it comes to the Brazilian population. More than the evidence expressed in numbers, represented by the high and increasing degrees of urbanization, it is the modes of urban life - values, aspirations and desires, socio-spatial practices, disputes over the use and appropriation of space, production and exchange processes - that confer the city this centrality of meanings in people's lives.

The city is, in principle, both an object and place of politics and collective action, a space of learning and recognition of otherness, use value that grants sense to the notion of urbanity. However, such a view is constantly challenged by the hegemony of the exchange value manifested in the struggle for space, which opposes the right to the city's privatizing tendencies of the so-called urban entrepreneurialism, its predisposition to consumption of space or to the exclusionary character of real estate dynamics, and to the space production in a broader sense. On the other hand, the recent political demonstrations that took over the streets of the main cities in the country in recent weeks, among other aspects, helped rescue the political potential of public space, fundamental to the existence of cities and urban life.

Culture, readings and experiences in the cities

The first set of texts brings a humanistic perspective translating not only views on city culture and experience, but also on different conceptions and possible readings of their spaces. Several texts seek the understanding of the transformations that many cities have undergone along the years, culminating in the contemporaneous city. Spanish philosopher Francisco Jarauta's article of the University of Murcia offers an intriguing reflection on the architecture in the political, social and cultural contexts of the contemporary cities. "Building the generic city" compares the spatial configuration inherited from the ancient city with a new urban space, which he considers a laboratory of relationships that feature the city of the present.

In his article "A free man, a happy city", Carlos Antônio Leite Brandão highlights the empowering mechanism of creation in the relationship between the city and freedom, inherent to the gathering of people enabled by the city, thus opposing the fragility and diversity proper to human beings, as advocated by Alberti already in the fifteenth century. From within this principle, the article discusses freedom and happiness that the city helps build, and strongly criticizes the contemporaneous way of thinking and conceiving it, stressing the limitations of the spaces arising from it. As the text asserts that "the citizen is the city's greatest ornament", it supports a humanistic perspective that opposes many contemporary trends of space production.

The limitations and constraints of the city spaces, designed more for automobiles than for bodies, are approached in the article "City-body" by Cássio E.V. Hissa and Maria Luísa Nogueira. Supported by a creative reading of texts by geographer Milton Santos, the authors explore the many speeds in the cities, both slow and rapid spaces, emphasizing the potentialities of the act of strolling through the streets, the body capacity of experiencing the city, of transgressing, producing a reciprocal transformation in the subjects and the city.

As a contrast to the mainstream trend traced by the articles, follows the decisive "Manifest for a ludic and collective city for a public, critic and poetic art" composed by Poro.

The ways by which the cities are thought, built and perceived may strengthen or weaken the public sense they have been assigned. Such forms and conceptions have been substantially modified in the modernization process that took place in the beginning of the twentieth century, as the two following texts indicate. The article "Two Barretos and one Rio de Janeiro" by Maria Salete Magnoni, contrasts the views and records of the massive reurbanization of the center of Rio de Janeiro in the period, from the standpoint of two observers of the city that had very different social standings: the writers/journalists Lima Barreto and João do Rio.

The modernization contradictions, as well as the potentialities and conflicts of the conceptions related to the adoption of technological, urbanistic and sanitary innovations at the time are found in the article by Nilo de Oliveira Nascimento, Jean-Luc Bertrand-Krajewski and Ana Lúcia Britto. As well defined by its title, “Urban waters and urbanism at the turn of the 19th to the 20th century: Saturnino de Brito’s work”, the article explores the contributions by engineer Francisco Saturnino de Brito to sanitation and urbanism at the turn of the 19th to the 20th century in Brazil. The relationship between the engineer and the international scientific and technical community, as well as the debates on hygienism, medicine, urbanism, urban regulation and sanitary management in many countries are discussed. Noteworthy is the fact that many of the pressing issues at the time are still disturbingly present.

The contemporary metropolis: production and appropriation

The next set of articles emphasizes the trends and contradictions linked to the production and appropriation of the contemporary metropolis from a theoretical reference originated by the political economy and the social production of space. The first text, “Beyond *Postmetropolis*”, by American geographer Edward Soja, sheds new reflections on the ideas and themes approached in his book *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*, published in 2000, related to what he considers the three important developments: the rediscovery of the generative power of the cities, the transdisciplinary diffusion of the critical spatial perspectives, and the growing interest in regions and regionalism. Advocating that space replaced time and history as a mainstream dimension due to the synchronicity of the access to information, Edward Soja has presented great discourses on the contemporary metropolis, marked by globalization, fragmentation and violence. The author suggests that there is a transdisciplinary spatial turn in social and human sciences, and believes in a renewed interest in what he calls welfare planning in regional terms manifested in several space scales, that seeks to oppose the submission of the cities to a competitive entrepreneurialism moved by the urban marketing instead of investing in poverty and inequality reduction. In a kind of premonition of the recent Brazilian manifestations, Soja points to a new age of crisis generated by the economic restructuring on a global basis, marked by riots, rebellions and unrest as a direct response to the new post-metropolitan conditions, or the so-called postmodern urbanism. In spatial terms, he sees a clear change from the metropolitan urbanization to a regional urbanization.

Geraldo Magela Costa contributes with a reflection on the relationship among theory, reality and the possibility of praxes in the cities, including the urban planning praxis, in the article named “Approaching urban theory and practice: reflections on Henri Lefebvre’s thought”. The text highlights some passages of the French philosopher’s work to discuss urban social-spatial processes. As an analytical resource, he tries to understand two moments of approach between theory and praxis: the first one is between the philosophical and theoretical thought and reality, and the second one between the real world and the possibility of the emancipatory praxis. To illustrate this last reflection, the article is based on a recent experience of urban/metropolitan planning that was carried out by the Federal University of Minas Gerais: the elaboration of the Guiding Plan of Integrated Development for the Metropolitan Region of Belo Horizonte.

The interesting example of Cape Verde island, an African country, is approached in Andréia Moassab’s article, namely “Fragmented territories: Cape Verde and the aspects of an island urbanity in times of globalization.” The author discusses concepts such as territory, city and urbanity in times of neoliberal globalization, arguing that, as the modernist functional matrix, it was scarcely useful to study the cities in the end of the twentieth century, nor has the postmodernist approach been a spotlight on the understanding of current urban contexts of poor countries. She argues that the theories cannot explain the inclusion of the city and the country in globalization. As she points out the particularities of postcolonialism on an island that has not necessarily undergone all the stages of the globalization process, she makes us review the theories and their generalized use without considering the specific history of the places.

In the field of urban public policies, Edésio Fernandes discusses some critical assessments of his regulating cornerstone in the article “City Statute, more than 10 years later: reason for disbelief, or for optimism?”. Considered a groundbreaking effort in the building of a regulating cornerstone more properly fit to the urban reform furthering, there is already vast literature not only discussing its social efficacy, but also the nature, the possibilities and the restrictions of a progressive legislation facing a variable sociopolitical process. The article discusses the assessments usually made by the enforcement of the City Statute, trying to offer elements for a more general debate on expectations, real and false, that exist around the urbanistic laws of several countries for the regulation of land rights and management, territorial ordering, urban planning and social habitation. In this sense, the text believes in the collective building of the urbanistic regulation as a necessary condition for the consolidation of a broader and permanent process.

Henri Acselrad's article "City – a public space? The political economy of consumerism in and of the cities" retrieves the debate on the public and private issue in the context of the contemporary capitalism transformations, the Brazilian one in particular, identifying the cities as the place of consumerism and of the consumerism of place. It stresses that there are conflicts over the distribution of private and public spaces, of the associated issues, and of the actors involved in it. It critically analyzes the prevalent notions of progress and development in which consumerism becomes the main goal of individuals and families. Moreover, it hardens the criticism on what he names the productive chain of the mainstream life style in the cities, on which consumerism is hinged to the macrostructural pattern of space use, of its resources and of capital mass seeking profit.

The consumption issue in the cities is also approached by Beatriz Judice Magalhães from another perspective in the article "Recyclable material collectors, consumption and social assessment". The text is based on interviews of great sensitivity with recyclable material collectors in order to ponder on the relationship among collectors, consumers and the Brazilian society in a more general context. The text also discusses the prejudice that collectors undergo, and the acknowledgement possibilities of their work, particularly since the constitution of the National Movement of Recyclable Materials Collectors and the approval of the National Policy on Solid Waste. The article approaches the inclusion alternatives and the role of the collectors in the contemporaneous city, building a bridge to the perception of the environmental dimensions of urbanization. It raises the debate on a central challenge to the consumer society, that is, the reinsertion of waste in the productive process, besides, and mainly, the social inclusion of this social segment represented by collectors.

Nayara Salgado's article named "The stone doesn't stop: a study on *Cracolândia* in the city of Belo Horizonte/Minas Gerais" approaches some of the transformations in the urban space of Lagoinha district that ended up with the appropriation of parts of their space by drug users, linked to the process of decay of this area. The neighborhood represents an important cultural heritage for the city's memory, having undergone some important urban interventions. The article is based on a research that tries to understand the reality of the place from media representations and from their dwellers.

Closing this set of texts, Alcía Duarte Penna's poem "To a passerby" is illustrated by Priscila Musa.

The city and the arts

The next set of texts approaches more specifically some relations between arts and the city, both critically discussing and making interventions in the city, and questioning that the role of arts and culture in general terms, especially those arising from public policies of the area, represent possibilities of understanding the differences and inequalities residing in the city. Thus, the themes around changes and permanence found in the cities, particularly in the relationship between artifact and nature, inspire artists as Isabela Prado in her text “(In)visible under the city: the *Among Rivers and Streets* Project”, that seeks to identify the waters and nature that disappear under the imperiousness of the contemporary urbanization. Gathering designs, photographs, objects, videos, installations and performances, the project weaves a creative reflection on the relations among the city, the environment and the individual coming up with the marks of rivers and creeks present in the urban landscape.

Célia Maria Antonacci Ramos explores the experience of walking the streets of the city, here Paris, identifying a strong presence of the international migration and the artistic creation arising from it, scarcely perceivable to the established art system. In her text “Paris, the city of light in the third millennium”, the author asks herself how, and to what extent, the system of arts and artists, critics and curators interfere with the debates on the integration of persons in the collective gathering space of the contemporary city.

“People known by sight: the city and its indiscreet windows” is the project of visual arts and photography from which Letícia Lampert extracts the discussion on the relationship among neighbors that do not know each other, but have windows too close. Based on reports and images collected and referring to movies like *Rear Window* by Alfred Hitchcock, and *Medianeras* by Gustavo Taretto, the text approaches issues such as the influence of the real estate speculation on people’s lives, besides the importance of seeing and being seen in the city.

Closing this number is the illustrative interview with critic and curator Frederico Moraes, made by art historian Marília Andrés Ribeiro. Residing in Rio de Janeiro for many years, the critic makes an intriguing reflection on meaningful moments of his trajectory, such as the mishap lived during dictatorship in the years 1960/1970 as militant critic and curator of innovative and striking exhibitions, or experiences as a professor in which the day-by-day of the city is highlighted as an important presence in the experience of students and artists.

We hope you enjoy your reading.

Editorial Board